



# Por que Ferenczi?

Artigo Encomendado

---

**Jacques José Zimmermann**

Membro Didata da Sociedade Brasileira de  
Psicanálise de Porto Alegre.

Da Hungria [...] surgiu um único colaborador, S. Ferenczi, mas que, em compensação, vale por uma sociedade inteira (FREUD, 1914, p. 42-43).

Há exatos cem anos em Nuremberg, no Segundo Congresso de Psicanálise, Sándor Ferenczi, em uma conferência intitulada “História do Movimento Psicanalítico”, propôs, em nome de Freud, a criação da Associação Psicanalítica Internacional. Ainda que ocupasse posição de destaque, conhecera Freud apenas dois anos antes, depois de escrever uma carta ao mestre no início de 1908. Aos 35 anos de idade, já médico experiente, tinha mais de 30 artigos científicos publicados. Estudara Medicina em Viena, graduando-se em 1897 e indo clinicar em Budapeste. Trabalhou como médico clínico e posteriormente como neuropsiquiatra, época em que passou a escrever artigos.

O visitante impressionou Freud, marcando o início de uma carreira meteórica dentro do movimento psicanalítico. Além disso, passou a frequentar a casa do mestre, acompanhando-o em viagens de férias e na célebre viagem de Freud aos Estados Unidos de 1909. Gozava de uma intimidade com Freud jamais concedida a outros discípulos, sendo o primeiro a ser tratado pelo mestre como “caro amigo” nas suas correspondências. Em poucos anos, tornou-se a segunda personalidade mais importante da psicanálise. Quando de sua morte, Freud (1933) afirmou que seus artigos “tornaram todos os analistas seus discípulos”.

O contrassenso que se seguiu foi o completo desaparecimento deste autor dos institutos de psicanálise por 50 anos. Suas obras completas foram editadas e traduzidas para o francês somente 30 anos após sua morte – para o português quase 50 anos depois. Daurella (2004) destaca que

Ferenczi era tão pouco citado em referências bibliográficas, que dos dois analistas de Melanie Klein (Ferenczi e Abraham) somente o último fez jus a figurar no *Dictionary of Kleinian Thought* de Hinselwood (1989).

Sándor Lorand (1968) relata que, mesmo vinte anos após sua morte, ainda ouvia Ernest Jones expressando irritação e críticas dirigidas a Ferenczi. Conclui que essa atitude preconceituosa perturbou a visão científica que deveria tê-lo conduzido ao escrever a biografia oficial de Freud, que se tornou repleta de imprecisões relativas à saúde, às relações e à conduta de Ferenczi. Assim, descreve que os últimos anos de sua vida teriam se passado em um estado mental de características psicóticas e, dessa forma, seus últimos desenvolvimentos teóricos e técnicos não passariam de incoerências típicas de doença mental grave.

Já era sabido que Jones havia sido paciente de Ferenczi (em 1913), mas foi Roazen (1975) que elucidou o “assassinato político”, mostrando que tal análise havia sido malsucedida. A experiência fracassou tanto pela falha de Ferenczi em examinar o rancor de Jones, como pela incapacidade deste de expressar sua raiva dirigida a Freud, presumidamente por não tê-lo aceito como paciente. Seguindo a Roazen, Jones nunca conseguiu tornar consciente seu ressentimento em relação a Freud por havê-lo recusado como paciente e pelo fato de tê-lo encaminhado a Ferenczi, já que esperava receber o mesmo tratamento dado a este. Dessa forma, Roazen pondera que, por deslocamento, Jones mostrou-se ofendido em relação a Ferenczi por ter sido seu analista.

Mas seria simplista pensar que Jones sozinho teria o poder de desacreditar Ferenczi publicamente. Considero mais adequado pensar em uma reação defensiva de todo o *establishment* psicanalítico, provocada pela postura e pelo pensamento de Ferenczi. Era um psicanalista dedicado à busca de eficácia terapêutica, dando pouca importância à pureza do método. Confrontado com resultados insatisfatórios com a técnica *standard*, fez autocrítica, tentou variações técnicas, publicou os resultados e aprendeu com os próprios erros. Não diferia em nada do jovem Freud quando relatava que, por tentativa e erro, foi se desviando da hipnose para a descoberta da psicanálise pela via do método catártico. Mas quando Ferenczi fez experiências, Freud e seus seguidores adotaram uma atitude muito mais de defesa do patrimônio do que de valorização de sua linha de pesquisa.

Afinal, quem é o melhor discípulo? O que segue lealmente o pensamento do mestre ou o que, da mesma forma que ele, persevera no compromisso de pesquisa no seu trabalho clínico?

Por que Ferenczi? Simples: porque fez essenciais contribuições à teoria e à técnica psicanalíticas.

Influenciou de tal forma os autores psicanalíticos da segunda metade do século passado, que já se tornou modelar a afirmação de Sabourin (1990) de que muitos autores extraíram material para a construção de suas obras da pedreira aberta por Ferenczi, sem, contudo, fazer referência a seu nome. Exemplos? Identificação com o agressor (desenvolvida em “Confusão de Línguas” e erroneamente atribuída a Anna Freud), ambiente de *holding* (antecipando Donald Winnicott), experiência emocional corretiva (antecipando Franz Alexander), fragmentação do *self* (antecipando Heinz Kohut) (HOFFER, 2003). E há quem vá além. Cremerius, citado por Sabourin, amplia a lista de autores cujas contribuições devem muito a Ferenczi, como Klein, Mahler, Little, Khan, Spitz, Natch, Searles, Sullivan, Fromm-Reichmann, Rosen, Moreno, Fairbairn e Gunthrip (CREMERIUS<sup>1</sup>, 1968, *apud* SABOURIN, 1990).

É impossível dissociar a originalidade da obra de Ferenczi de sua inquietude. Foi essencialmente um clínico, um médico disposto a oferecer ajuda a quem sofria. Seu entusiasmo com a psicanálise não impediu que percebesse as suas deficiências e que procurasse outras formas de ajudar seus pacientes. Como clínico, jamais admitiu a ideia de que os padrões apropriados de analisabilidade pudessem ser problema do paciente. O analista é que deveria encontrar as técnicas apropriadas para atendê-lo! Assim, se a leitura de Ferenczi servir apenas para questionarmos a nossa capacidade de entender os pacientes, a influência que exercemos sobre eles e a que eles exercem sobre nós, sobre o que estamos tentando compreender e nossas possibilidades de aprofundar o processo analítico, já terá valido a pena.

---

<sup>1</sup> CREMERIUS, Johannes. Reaction Formation in the Life of Philip II and its Importance for the Fate of Spain. *Psyche*, Stuttgart, v. 22, n. 2, p. 118-142, February, 1968.

## Referências

- DAURELLA, N. Sándor Ferenczi: el mejor discípulo de Freud, by Antoni Talam. Book Review. **International Journal of Psycho-Analysis**, 85, 1534-1539, 2004.
- FREUD, S. (1914). A História do Movimento Psicanalítico. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Ed. std. bras. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.
- \_\_\_\_\_. (1933). Sandor Ferenczi. In: FREUD, S. **The Complete Psychological Works of Sigmund Freud**. London: Hogarth Press, 1975. v. 22, p. 227-232.
- HOFFER, A. Sándor Ferenczi, M.D., 1873–1933. **American Journal of Psychiatry**, v. 160, n. 11, 2003.
- JONES, E. **The Life and Works of Sigmund Freud**. New York: Basic Books, 1953–1957. 3 v.
- LORAND, S. Ferenczi, Sandor. In: EIDELBERG, L. (Ed.). **Encyclopedia of Psychoanalysis**. London: Macmillan, 1968.
- ROAZEN, P. **Freud and his Followers**. New York: Alfred A. Knopf, 1975.
- SABOURIN, P. Pós-fácio – Perdão Mútuo: sucesso final. In: FERENCZI, S. **Diário Clínico**. São Paulo: Martins Fontes. 1990.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

---

Jacques José Zimmermann  
R. Dom Pedro II, 1220 / 313  
90550-141 Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: 55 (51) 3342-2289  
e-mail: jacques@plugin.com.br